

APROFUNDAMENTO - 17. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

A caridade escancara um novo horizonte sobre o que significa amar os próprios amigos. Dom Giusani escreveu, falando da caritativa, que é possível descobrir que «justamente porque nós os amamos, não é a nossa ação que os torna felizes; de fato, nem mesmo a mais perfeita sociedade, ou a organização mais forte e sábia, nem a maior riqueza do mundo ou a saúde mais perfeita, nem mesmo a beleza mais pura ou a civilização mais aprimorada poderá torná-los felizes. Somente um Outro poderá torná-los felizes» (O sentido da caritativa, portugues.clonline.org).

Isto subverte a maneira que temos de conceber inclusive os relacionamentos mais queridos, quando achamos que no fundo merecemos a amizade por termos estado à altura das expectativas do outro. Nossa amiga nos conta como a caritativa, em sua essencialidade, a ajudou a ser amiga de verdade.

O que esperamos das nossas amigadas? E o que tem a ver com a experiência da caridade?

Neste período, um amigo meu me contou de uma dificuldade que está tendo. Uma dificuldade que eu nunca experimentei, por isso sempre me sinto inútil, como se eu só servisse como uma amiga com quem desabafar. Sou incapaz de aconselhá-lo sobre o que fazer, na tentativa de encontrar a frase certa para explicar o que é melhor para ele... Percebo que, assim como sou, não consigo ajudá-lo.

Mas notei que acontece algo diferente na experiência da caritativa no Dom Orione: lidando com deficientes que não escutam 95% do que digo, não me é pedido nada mais do que simplesmente estar lá, sorrir, fazê-los dançar, mostrar que me importo com eles e com o que estou fazendo, e simplesmente acompanhar o que eles desejam fazer.

Sempre sinto em mim a preocupação em não ser a amiga, a confidente, a estudante, a filha correta, em ser vazia e não saber dar ao outro pelo menos metade do que recebo. Mas com os “meus doidinhos” percebo que eles não preferem ninguém por simpatia, doçura ou outra coisa, porque provavelmente toda vez se esqueciam de nos ter conhecido e tínhamos de recomçar do zero. Olham para você simplesmente por como você é, por como você os olha naquele momento, ou então (coisa extraordinária de que só ontem me dei conta) simplesmente são eles que vêm até nós, sem fazermos absolutamente nada para “merecê-lo”.

Acho que a experiência no Dom Orione está me fazendo entender isto: que não sou eu quem decide de que maneira ser amiga dos outros, que talvez não me seja pedido nada além de ser presente, disponível e simples.